

José Cavalcante de Souza (1935–2020)

“De justiça, entretanto, de prudência e quanto mais é precioso para as almas, não há nenhum brilho nos símiles daqui, mas por turvos instrumentos, de si já difíceis, poucos vão às imagens e por elas contemplam o gênero do imaginado; beleza porém então se podia ver brilhante, quando em feliz coro um espetáculo de benéfica visão se via, nós seguindo com Zeus e outros com outros deuses, e se procedia a uma iniciação que é lícito afirmar ser a mais beatífica de todas, a qual celebráva-mos quando íntegros éramos nós mesmos, isentos de quantos males em tempo posterior nos aguardavam, e íntegras, simples, tranquilas e felizes eram as aparições que iniciados contemplávamos em luz pura, porque éramos puros e não tínhamos a marca deste sepulcro que sobre nós agora trazendo chamamos corpo, a ele atados como ostra à concha.”

Sócrates em: Platão, *Fedro*, 250b-c
(São Paulo: Editora 34, 2016, p. 93, tradução de José Cavalcante de Souza)